

A XXVI DINASTIA E AS SUAS RELAÇÕES COM O EGEO: O EGITO SAÍTA COMO UMA POTÊNCIA MEDITERRÂNEA NOS SÉCULOS VII – VI A.C.

THE XXVI DYNASTY AND ITS RELATIONS WITH THE AEGEAN: THE SAITE EGYPT AS A MEDITERRANEAN POWER IN THE VII – VI B.C. CENTURIES

Ronaldo Gurgel Pereira¹

¹ Professor de Graduação e de Pós-graduação da Universidade de Lisboa (UNL).

Correspondência para: Ronaldo Gurgel Pereira (ronaldo.gurgel@yahoo.de)

Recebido em: julho de 2019; Aceito em: agosto de 2019

RESUMO

Entre os séculos VII – VI a.C. o Egito passou por um processo de libertação do jugo assírio e reunificação territorial sob a XXVI dinastia, sediada em Sais. Ciosos pela restauração de sua importância política na região, os reis saítas promoveram longas campanhas militares no Levante e Núbia a fim de reafirmarem a sua autoridade sobre as antigas áreas de influência. Para confrontarem adversários como os assírios, babilônios e persas, a XXVI dinastia investiu numa política ostensiva de contratação e fixação de mercenários estrangeiros que incluíam fenícios, cários e, principalmente gregos do Egeu oriental. Enquanto os séculos VII-VI a.C. iam se caracterizando como um período de guerras, nesse período também se formou uma sólida relação comercial, diplomática, religiosa e cultural entre gregos e egípcios. A evolução dessa relação é discutida neste artigo.

Palavras-chave: Aegyptiaca; Egeu Arcaico; XXVI Dinastia Saíta, Gregos no Egito, Mercenários

ABSTRACT

During the 7th – 6th centuries BC, the 26th Saite dynasty was able to abolish Assyrian control and to reunify Egypt under a single and strong family. In order to impose itself again as an international power, Egypt had to face opposition from different and powerful adversaries, namely the Assyrian, Babylonian, and Persian empires. New military campaigns in Asia Minor and Nubia aimed to reassert Egyptian political importance in its former areas of influence. To achieve their agenda, Saite pharaohs relied deeply on foreign mercenaries, such as Phoenicians, Carians, and especially, Aegeans. Thus, during that period, the eastern Mediterranean basin witnessed not only growing conflicts, but also the development of a new commercial and diplomatic

network. This paper approaches the evolution of Greek-Egyptian relations and the growing of political relevance of the Aegean during the Orientalizing-archaic age.

Key words: Aegyptiaca; Archaic Aegean; Saite Egypt; Greeks in Egypt; Mercenaries

PREÂMBULO: O MUNDO EGEU PRÉ-HELÊNICO E O EGITO

Apesar da pré-existência de uma rede comercial conectando o Mundo Egeu ao Egito¹³⁶, as relações entre as duas regiões intensificaram-se durante o Reino Novo, particularmente, a partir do período raméssida - XIX e XX dinastias: ca. 1295 – 1069 a.C. Esta cronologia equivale às idades do Bronze IIB - Ferro IA no Levante e na Anatólia; Minoano Tardio IIB-C em Creta; e Heládico Tardio III B1-C1 na Grécia continental.¹³⁷

Existem evidências de contatos indiretos entre egeus e egípcios através da rede comercial existente, que contaria principalmente com intermediários sírios (Vercoutter, 1956). O grande volume de cerâmica micênica e minoica encontrada em mais de trinta sítios pelo território egípcio em contextos do Reino Novo (Kemp, Merrillees, 1980), bem como o trânsito constante de material egípcio encontrado em Micenas, Argólida, Creta e Cíclades¹³⁸ implicam numa realidade de interações comerciais, diplomáticas e culturais estáveis.

¹³⁶ A rede comercial da Idade do Bronze admitia uma série de mecanismos alternativos para a realização do comércio, como o comercio freelance, troca de presentes, controle local, etc. Uma obra importante no processo de ruptura com paradigmas tradicionais que defendiam iniciativas unilaterais e dominações étnicas do Mediterrâneo Oriental por minoicos, fenícios e egípcios: KNAPP, 1993.

¹³⁷ Segundo a equivalência cronológica proposta por: MUMFORD, 2002, II, 336, table 1.

¹³⁸ Para mencionar apenas algumas obras substanciais sobre o tema, ver: PENDLEBURY, 1930; KEMP, MERRILLEES, 1980; SNAPE, 2003.

Nesse contexto de relações estreitas, as evidências de contato direto entre o Egito e o Mundo Egeu podem ser atestadas pela presença de influências artísticas nos túmulos tebanos da XVIII dinastia (Pinch Brock, 2000).¹³⁹

A arqueologia do comércio com o Egito durante a transição da idade do Bronze para o Ferro produz uma documentação abundante em Creta e no território grego continental, (Micenas e Argólida), embora os dados se tornem mais escassos em relação às ilhas do Dodecaneso. Essa disparidade poderia estar ligada à centralização política do Mundo Micênico em torno das suas próprias cidades, relegando às ilhas um papel mais passivo como meros portos de abastecimento (Macdonald, 1986).

De fato, o reduzido número de importações egípcia em Rodes durante o período Raméssida coincide com a ausência de um nome egípcio para a ilha nas fontes contemporâneas (Kousoulis, 2011, p. 290). A lista topográfica da base da estátua de Amenhotep III, (XVIII dinastia) situada em Kom el-Hettan, Tebas, inclui 14 nomes que podem ser identificados a regiões do Egeu, incluindo Keftiu (Creta) e Tanayu (sul da Grécia continental).¹⁴⁰

Até o colapso das civilizações da Idade do Bronze, nos séculos XII-XI a.C., as ilhas do Egeu permaneceram como um território periférico das civilizações Minoica e Micênica. Logo, não havia ali qualquer relevância administrativa e/ou religiosa. Os séculos XII-XI a.C. caracterizam-se pelas graves turbulências políticas que assolaram o Mediterrâneo Oriental. As causas exatas para o colapso da ordem social das civilizações do bronze ainda são objeto de debate acadêmico. Entretanto, o Egito e os grandes estados mesopotâmicos resistiram ao impacto dessas forças desestabilizadoras, ao passo que o litoral levantino, o império hitita e as sociedades palacianas do Mundo Micênico entraram em declínio.

¹³⁹ Para um estudo mais abrangente sobre a representação de povos do Egeu na arte funerária egípcia do Reino Novo, ver: REHAK, 1998 e PANAGIOTOPOULOS, 2001. Para um debate específico sobre o hibridismo e estratégias artísticas para a retratação de estrangeiros, ver: WACHSMANN, 1987.

¹⁴⁰ Esses dois nomes formavam a base para a composição dos demais 12 nomes agrupados, consequentemente em dois grupos geográficos. KITCHEN, 1965; EDEL, 1966; e FAURE, 1968.

Com o processo de reorganização territorial da Ática e regiões circunvizinhas durante o chamado “Renascimento do século VIII a.C.”¹⁴¹, as ilhas do Egeu assumiriam um papel estratégico no restabelecimento dos laços comerciais e diplomáticos com o Levante e Egito (Kousoulis, 2011, p. 291-292).

A colonização jônica na ilha de Samos e dórica em Rodas transformou aqueles espaços em importantes encruzilhadas comerciais, conectando as rotas da Grécia continental e ilhas do Egeu com o Chipre, o Levante e o Egito. Assim, a partir do século VII a.C. santuários como os de Hera (a Hathor egípcia, “mãe” simbólica dos faraós), em Samos, e os de Atena (para os egípcios, Neith, a deusa guardiã da dinastia Saíta) em Ialysos, Kameiros e Lindos, em Rodas, passaram a receber um intenso fluxo de bens de prestígio orientalizantes e egípcios.

Durante o período orientalizante-arcaico, os santuários do Egeu desempenhavam um importante papel enquanto centros administrativos e catalisadores de atividades comerciais, mas também norteavam a formação de uma identidade étnica para as comunidades locais. Do material egípcio presente nos santuários, a sua grande maioria consistia de oferendas votivas gregas, bem como doações de governantes saítas.

A FUNDAÇÃO DA XXVI DINASTIA, DE SAIS (664 – 525 a.C.)

No Egito, quando a XX dinastia, raméssida, chegou ao fim, o reino estava enfraquecido e fragmentado. O crescimento político e econômico dos sacerdotes de Amon-Rá, em Tebas, minou a autoridade faraônica. O estabelecimento de principados líbios no Delta nos séculos XI – VIII a.C. (XXI-XXIV dinastias) dividiu o reino ao meio: o

¹⁴¹ Expressão que ganhou notoriedade no final do século XX. Trata-se de um período caracterizado pela rápida reestruturação social, cultural e econômica ocorrida na Grécia continental. Ver: HÄGG, 1981.

Alto Egito ficou sob a autoridade do sumo-sacerdote de Amon-Rá, em Tebas, e o Baixo Egito sob o controle das dinastias líbias, em Tanis.¹⁴²

Esse quadro agravou-se com a invasão núbica em 725 a.C. e a subsequente conquista de Tebas, anexando o Alto Egito a Napata e estabelecendo a XXV dinastia (725 – 656 a.C.), que eventualmente anexou o Baixo Egito, unificando o reino e transferindo a sua capital de Napata para Mênfis. Príncipes rebeldes à autoridade núbica recorreram ao apoio assírio numa rebelião que culminou na ocupação do Baixo Egito pelo império Neo-Assírio em 674-661 a.C.¹⁴³

As fontes assírias informam sobre a fragmentação do Egito sob a forma de pequenas unidades políticas sob a chefia do rei de Mênfis e Sais, Nekau I (Prisma C, 85; Prisma A 90).¹⁴⁴ Em 667 a.C. o exército assírio retornou o Egito para conter uma contra-ofensiva núbica pela retomada do Delta. Nekau I, o rei-cliente de Sais-Mênfis foi morto pelo rei núbio, Tanutamani, em 664 a.C. em batalha, sendo então substituído pelo filho Psamtek I na chefia das frações políticas do Delta¹⁴⁵.

Reforçando as fontes assírias, Heródoto descreve Psamtek I como o governante de uma fragmentária dodecarquia de príncipes do Delta cujo governo caracterizava-se pelo constante esforço diplomático para se estabelecer apoio e suporte dos pares para evitar o fortalecimento de usurpadores (II, 147).

Heródoto narra uma ficção em que Psamtek I teria buscado refúgio na corte assíria após a morte do pai. Quando este foi restaurado no trono pelos assírios, Psamtek foi traído e vítima de uma tentativa de usurpação pelos demais dodecarcas. Ao visitar o oráculo de Buto, durante o seu exílio, a divindade profetizou que “homens de bronze” recuperariam o seu trono e vingariam a traição dos príncipes do Delta.

¹⁴² Para um estudo mais completo e abrangente o “Terceiro Período Intermediário”, ver: KITCHEN, 1996.

¹⁴³ Para uma perspectiva assíria do período turbulento de ocupação egípcia ver: SPALINGER, 1974.

¹⁴⁴ Os prismas A e C complementam-se listando em C seis reis para sete cidades e em A uma versão mais completa com 14 cidades. Segundo SPALINGER, 1974, p. 322, n. 43, a ordenação dessa lista se dava por importância, tendo nos dois casos o rei Nekau I de Mênfis e Sais figurando no seu topo.

¹⁴⁵ A respeito da fundação da dinastia saíta e do início da Época Baixa ver: KITCHEN, 1996; LLOYD, 2001.

Embora estivesse incrédulo quando à profecia, pouco tempo depois Psamtek I vagava pelas margens do Nilo quando avistou guerreiros jônios e cários equipados com armas e armaduras de bronze (II, 152). Segundo essa narrativa de Heródoto, Psamtek I tornou-se amigo dos guerreiros e contratou-os contra os seus inimigos em troca das recompensas do saque. O resultado dessa campanha militar foi a unificação do Delta sob a autoridade de Psamtek I, tendo início formal a XXVI dinastia, com sede em Sais, daí o epíteto “Saíta”.

A historiografia jamais questionou o relato de Heródoto a respeito, atribuindo ao sucesso de Psamtek I ao fato de contar com mercenários estrangeiros, embora tanto Psamtek como os demais dodecarcas tivessem, *a priori*, pleno acesso aos experientes mercenários gregos e cários.¹⁴⁶

Diodoro (I, 66, 8-12) apresenta um relato diferente para o relacionamento de Psamtek e os mercenários estrangeiros. Segundo a sua narrativa, Psamtek I promovia contatos comerciais intensos com gregos e fenícios, o que atraiu a ira dos demais dodecarcas. As boas relações com o Egeu e com o Levante teriam sido o motivo verdadeiro para a guerra entre os príncipes e também a explicação para o talento de Psamtek em arregimentar um exército estrangeiro contra os demais príncipes.

Entretanto, é possível construir um diálogo entre os relatos de Heródoto e Diodoro. Heródoto menciona a aliança de Psamtek I com o rei Gyges da Lídia (I, 8 – 15). Essa aliança pressupõe a existência prévia de relações comerciais e diplomáticas, como indica o relato de Diodoro. O fornecimento de “homens de bronze” poderia ter sido parte dessa aliança, uma vez que a Lídia dispunha de farta disponibilidade de mercenários jônios e cários sob a sua zona de influência, nas franjas do reino. Novamente, a documentação assíria valida essa aliança ao denunciar a “traição” de Gyges:

“Gugu (Gyges), rei da Lídia, (...) enviava mensageiros para me saudar. (...) A sua embaixada, que vinha

¹⁴⁶ Para uma revisão completa e crítica do estado da arte sobre o papel do mercenário no projeto de poder saíta, ver: YOO, 2019.

continuamente me saudar, ele cessou. (...) Ele enviou forças para o socorro de Tushamilki, rei do Egito, que se libertou do jugo de minha soberania.” (The Rassam Cylinder, Col II, linhas 49 -125).¹⁴⁷

A fundação da XXVI dinastia teve como base o emprego de mercenários estrangeiros na extinção da dodecarquia pela força (Yoo, 2019). A política de uso sistemático da contratação de serviço militar estrangeiro caracterizou a história da dinastia. Psamtek I, fixou os seus mercenários no território egípcio com políticas de concessões de terra (as “stratopeda”) de modo a guarnecer o campo contra futuras agressões estrangeiras e manter um exército permanentemente disponível para mobilizações. Esse sistema permaneceu em uso até a sua abolição durante o reinado de Amasis (570 – 526 a.C.).

Evidências arqueológicas comprovam que os mercenários estrangeiros não estavam confinados a campos militares. A presença grega em Tell Defena (Daphnae), no Delta oriental, remonta ao reinado de Psamtek I. Vestígios de fortificações e docas, bem como uma vasta quantidade de equipamento militar grego apontam para uma base naval fortificada operada por mercenários permanentemente, confirmando o relato de Heródoto (II, 30).¹⁴⁸

O reino estava, finalmente, unificado em 656 a.C. Contudo, os mercenários estrangeiros também foram empregados ostensivamente pela dinastia saíta no esforço de recuperação de suas zonas de influência. Heródoto menciona uma campanha de Psamtek I pela Síria que, após 29 anos de expedições, culminara na destruição de Ashdod (II, 157). O evento também é referido pelo Livro de Jeremias (25:20), que ainda menciona a queda das cidades da Filistina (Ascalão, Gaza e Ecom).

¹⁴⁷ Ver as entradas 785 e 785 de: LUCKENBILL, Daniel. *Ancient Records of Assyria and Babylonia*, vol. II: *Historical accounts of Assyria*. Chicago: University of Chicago Press, 1927, pp. 297 – 298.

¹⁴⁸ Cf.: PETRIE, 1888; LECLÈRE, SPENCER, 2014.

A POLÍTICA DAS TROPAS ESTRANGEIRAS

A abertura política egípcia à participação de estrangeiros no exército pode estar ligada ao grande número de alto-oficiais de ascendência líbia em seu conselho. Durante o século VII a.C. o exército saíta era essencialmente baseado em infantaria e arqueiros, seguindo o modelo líbio das XXI – XXIII dinastias.

Os seus principais generais, naturalmente, eram originários de famílias do Oeste. Para fortalecer as suas forças, a dinastia saíta recrutou cavalaria¹⁴⁹ e infantaria pesada na Ásia e no Egeu, formando grandes contingentes de estrangeiros.¹⁵⁰

A epigrafia egípcia privada fornece uma importante fonte sobre os oficiais egípcios que comandavam essas tropas estrangeiras. As autobiografias das estátuas-cubo dos generais a serviço de Psamtek I, identificam as suas origens líbias e as suas respectivas listas de títulos demonstram que essa elite militar era influente na corte.

Estátuas-cubo são a forma mais comum de estatuário privado egípcio. Elas estiveram em uso por todo o território egípcio desde a XII dinastia (ca. 1976 – 1794 a.C.) até a conquista romana, em 30 a.C.

Durante o Terceiro Período Intermediário (1069 – 664 a.C.) essas estátuas sofreram transformações estilísticas, libertando mais o indivíduo do bloco esculpido, dando um aspecto mais natural à peça. Durante a XXVII dinastia essas estátuas, já num estilo mais realista, foram bastante populares, permanecendo ainda largamente adotadas no início da Primeira Dominação Persa (XXVI dinastia). Após um abandono

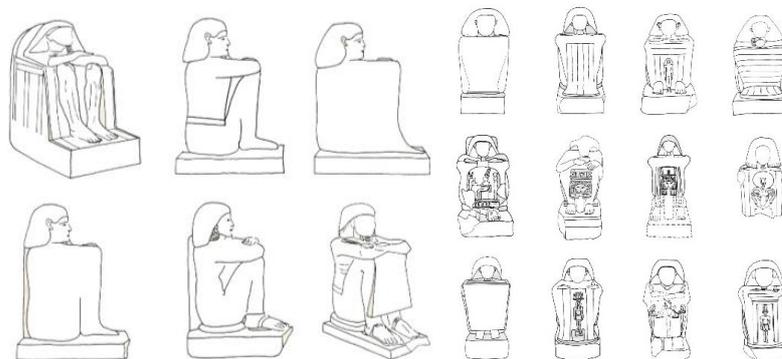
¹⁴⁹ Não se sabe ainda com certeza a composição dessa cavalaria. A estátua-cubo de Iaa (Museo Gregoriano Egizio, 195, Vaticano) epigrafia saíta demonstra o retorno do antigo título “comandante dos cavalos” (*jmj-r3 ssm*) sob a forma de “comandante dos times” (*jmj-r3 htr*), ou seja, carros de combate. Ver: YOO, 2019; BOTTI, ROMANELLI, 1951, pl. XXXVII. O “comandante dos cavalos” Sematawytefnakht” (Cairo 27/11/58/8, que serviu Amasis, também detinha o título de “comandante dos estrangeiros asiáticos” (*jmj-r3 ʿḫswt Thnw*). Ver: BRESCIANI, 1967, pp. 273 -274 e pls. I- V.

¹⁵⁰ Apesar deste artigo estar restrito às relações greco-egípcias, os egípcios receberam um grande influxo de mercenários de outras regiões. Para um estado mais abrangente, ver: VITTMANN, 2003, pp. 48- 83.

temporário, elas retornam com a restauração egípcia da XXX dinastia (380 – 343 a.C.) e permanecem em uso ao longo do período Helenístico (332 – 30 a.C.).

As dimensões das estátuas-cubo variam quase sempre entre os 20-60 cm de altura e eram igualmente esculpidas em rocha macia ou dura. As suas representações jamais incluíram a realeza. Normalmente elas representam indivíduos masculinos ou grupos de homens e mulheres unidos pela mesma base. Raramente ocorre uma representação individual de uma mulher. As estatuas sempre recebem inscrições identificando o proprietário, os seus títulos e um cabeçalho que quase sempre inclui um formulário para oferendas (fig.1). Elas eram sempre dedicadas a templos como oferendas votivas.

Fig.1 (a-b): Padrão das Estátuas-Cubo na Época Baixa¹⁵¹



Os comandantes de origem líbia a serviço da dinastia saíta também lideravam as forças estrangeiras. Exemplos de titulaturas presentes nas estátuas-cubo de Qeref, filho de Osorkon (Bruxelas, E 7526) e Pakyr, filho de Horwedja¹⁵² listam o título: *jmj-r3-mš'* (general). Na estátua-cubo de Padihor, filho de Padishahededet (Atenas, Inv. 3 –

¹⁵¹ De acordo com Scultz, 2011, p. 3.

¹⁵² Leiloado pela Bohnans em 2004. Anteriormente a peça integrava a “Omar Pacha Sultan collection”. Entretanto a peça já foi publicada. Ver: *Collection de feu Omar Pacha Sultan. Le Caire, 1929*, no. 403, APUD: YOO, 2019.

ex 902) surge o título *jmj-r3-mš' ḥ3tjt* (general da vanguarda). Psamtekseneb (Londres, EA 16014) acumula as funções de *wrjbḥ* (médico chefe) e *hrp qqwt* (almirante).¹⁵³

Djedptahefankh, filho de Hor (Cairo, JE 36949), constitui num caso notável. Dentre os seus títulos, destacam-se: *ḥ3t mš'* (comandante do exército); *sšm ḥ3styw* (comandante dos contingentes estrangeiros); *jmj-r3-mnf3t* (líder das tropas); *smr-3* (grande amigo); *hrp tm3t* (comandante dos arqueiros)¹⁵⁴; *jmj-r3-tst* (chefe dos estrangeiros); *jmj-r3-mš'* (general); *jrj-p't ḥ3ty-'* (príncipe e nomarca); *tt 'mw* (Porta-voz real para o contingente asiático).

A sua biografia ainda menciona o apreço do rei devido a sua sabedoria no “grande conselho” (*sh-3*) e de prestar grandes contribuições ao conselho dos nobres (*sh n srw*). Djedptahefankh foi tão influente na corte, que foi o único general do Baixo Egito atestado pela epigrafia a liderar campanhas na tebaida e a defender o Egito contra incursões da Núbia.¹⁵⁵

A “HELENOFILIA” DE PSAMTEK I (PSAMÉTICO)

Psamtek I fortaleceu os laços com o mundo grego através de uma política de aproximação sistemática. Segundo Heródoto, o faraó ordenou que crianças egípcias recebessem uma educação bilingue para atuarem como uma geração de intérpretes para as relações entre os dois povos (II, 154). Diodoro conta uma versão levemente diferente, em que foram os seus próprios filhos que aprenderam grego (I, 67, 9). Os

¹⁵³ Um outro almirante que acumulava funções de médico chefe Udjahorresnet (Museo Gregoriano Egípcio, Vaticano), esteve a serviço de Amasis e Psamtek III. Ele ainda acumulava o cargo de “general dos estrangeiros gregos” (*jmj-r3 ḥ3swt ḥ-w nbw*) e almirante da frota real (*jmj-r3 kbnwt nswt*). Ver: LLOYD, 1982; AGUT-LABORDÈRE, 2013, p. 972.

¹⁵⁴ Possivelmente o mesmo contingente de arqueiros egípcios que derrotou Josias no livro das Crônicas II 35:23).

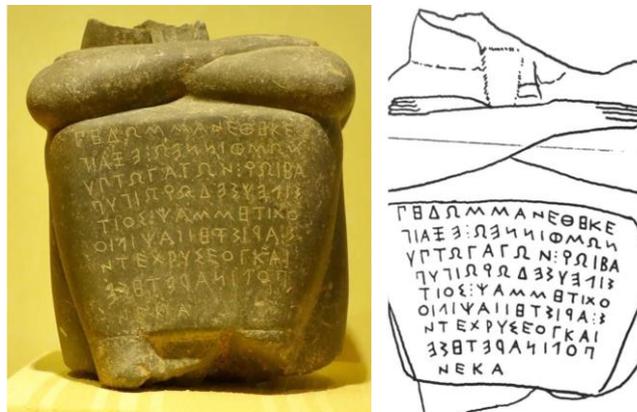
¹⁵⁵ Cf.: DE MEULENAERE, 1965, p. 30.

governantes saítas passaram então a contar com uma guarda pessoal grega (e/ou cária).

A receptividade e amabilidade de Psamtek I para com o mundo grego fez com que Diodoro cunhasse a expressão “φιλέλλην” (I, 67, 9). A continuidade dessa política “helenófila” pelos governantes da XXVI dinastia mantiveram a constância do fluxo de mercenários do Mundo Grego para servir os faraós saítas.

É justamente outra estátua-cubo que demonstra a presença de tropas do Egeu a serviço de Psamtek I. Trata-se da estátua-cubo dedicada pelo mercenário Pedon, filho de Anphineos. A estátua (fig. 2) possui uma história nebulosa e esteve integrada a coleções privadas por muitos anos. Diz-se que ela foi encontrada numa caverna nas imediações de Priene, na Jônia.

Fig. 2: Estátua-Cubo de Pedon, filho de Anphineos (Hierapolis Archaeology Museum, Inv. 3162):¹⁵⁶



- (1) Πηδῶμ μ' ἀνέθηκε- (→)
- (2) ν ὠμφίννεω: ἔξ Αἰγ- (←)
- (3) πτώγαγών: ρῶι βα- (→)
- (4) σιλεὺς ἔδωφ' ὠιγύπ- (←)
- (5) τιος: Ψαμμήτιχο- (→)
- (6) ς: ἀριστήϊα ψιλιό- (←)
- (7) ν τε χρύσεογ καί (→)
- (8) πόλιν ἀρετῆς ἔ- (←)
- (9) νεκα. (→)

¹⁵⁶ © Foto de Justin Yoo, 2015 (YOO, 2019). Fac-simile de VITTMAN, 2003, p. 205.

ISSN 1982-8713

Tradução: “Pedon dedicou-me, o filho de Amphineos, trouxe-me do Egito. A ele o rei dos egípcios, Psamético concedeu como recompensa por valor (ἀριστήϊα) um bracelete de ouro e uma cidade, como testemunho da minha excelência (ἀρετή)”.

A sua epigrafia, gravada em dialeto jônico, identifica Pedon, filho de Amphineos, que serviu Psamtek I, tendo sido premiado pela sua bravura com um bracelete de ouro e uma cidade.¹⁵⁷ A estátua possivelmente foi dedicada a um santuário rural na área de Priene. No grego pós-homérico, “aristeia” é um termo empregado no sentido de recompensas decorrentes de proezas realizadas em batalha, mediante o testemunho dos seus pares. Assim, a “areté” de Pedon está, certamente, ligada ao seu desempenho militar.¹⁵⁸

A datação da estátua é possível graças a presença de três elementos na composição do texto. Primeiramente, o uso de bústrofédon na orientação da sua escrita de textos não-religiosos caiu em desuso no século VI a.C. A presença do qoppa (ϙ) na inscrição é outro elemento importante, uma vez que ele deixou de integrar o alfabeto jônico em meados do século VI a.C. (Woodhead, 1981, p. 21). O uso da *krasis* em ὠμφίνεω, Αἴγπτῶγαγῶν e ὠιγύπτιος, permite que se considere o rei do Egito mencionado como Psamtek I e o texto datável entre 600 – 575 a.C. (Johnston, 2012).

Há elementos greco-egípcios interessantes nessa dedicação. Primeiramente, a estátua é feita de basalto, um material comum na confecção de estátuas-cubo do período Saíta. Entretanto, o basalto não é tão comum nas dedicações gregas quanto o mármore e o bronze.

Em segundo lugar, a dedicação de Pedon é tipicamente grega. Segundo Keesling (2003, pp. 19-20) a frase “NN dedicou-me” caracteriza os chamados “oggetti parlanti” (lit.: “objetos falantes”), que consistem de cerca de 20% de todas as

¹⁵⁷ Cf. : SAHIN, Mustafa. Zwei Inschriften aus dem südlichen Kleinasien. *Epigraphica Anatolica* 10 (1987), pp. 1-2; MASSON, Olivier ; YOYOTTE, Jean. Une Inscription ionienne mentionnant Psammétique Ier. *Epigraphica Anatolica* 11 (1988), pp. 171 – 180.

¹⁵⁸ Heródoto (VIII, 11) descreve um caso típico de proezas militares recompensadas com terras.

oferendas votivas encontradas em santuários gregos no Egeu arcaico. Por outro lado, no mundo grego, a imagem dedicada normalmente retrata a pessoa que a dedica.

Além disso, o texto de uma dedicação que fale de si próprio é extremamente irregular no mundo grego. Keesling (2003, p. 18) lista apenas três casos conhecidos de todo o mundo arcaico. Não por coincidência, os três casos situam-se em santuários da Jônia, tal como o caso de Pedon, seguramente.¹⁵⁹

Evidências arqueológicas de artefactos egípcios em santuários e em contexto funerário no Egeu¹⁶⁰ e no Chipre¹⁶¹, bem como a própria documentação egípcia¹⁶² confirmam isso. Os santuários gregos do Dodecaneso, especialmente os de Rodes, Kós e Samos cumulavam funções religiosas, econômicas e sociais.

Trata-se de um paradigma similar aos dos santuários da Jônia, que por sua vez, tinham uma inspiração oriental, logo, mais familiares a um modelo político familiar aos governantes orientais (Kousoulis, Morenz, 2007, p. 192).

A presença de objetos de contexto religioso, egípcios e/ou egíptizantes (ou “aegyptiaca”) não apenas no Egeu, mas em todo o Mediterrâneo Oriental reflete uma rica e complexa rede de contatos interculturais entre o Egito, o Egeu e a Ásia Menor. Esses objetos tornaram-se presentes em todo Mediterrâneo, primeiramente em decorrência da expansão fenícia (entre os séculos XII – VI a.C.) e, posteriormente, da colonização grega durante o período orientalizante-arcaico (séculos VIII – VI a.C.)¹⁶³.

De fato, a maior concentração de objetos votivos egípcios e/ou egíptizantes do Mediterrâneo encontra-se em Rodes. Quando o Mundo Egeu começa a fabricar

¹⁵⁹ São os casos da estatueta de Genelos, do santuário de Hera, em Samos; e uma estátua de Didyma, agora perdida.

¹⁶⁰ Para a principal referência no estudo de material egípcio no Egeu e na Grécia continental, ver: SKONJEDELE, 1994.

¹⁶¹ Para um estudo completo sobre o caso cipriota, ver: JACOBSON, 1994.

¹⁶² Ver a “Estela da Vitória”, comentada neste artigo.

¹⁶³ A presença de pequenas comunidades de comerciantes e artesãos fenícios no Egeu, sobretudo entre os séculos XI – VII a.C. pode também ter servido de mediação para a transferência de técnicas e estilos artísticos egíptizantes num momento anterior aos contatos diretos entre gregos e egípcios, no século VII a.C. Ver: LIPINSKI, 2004.

réplicas locais de material egípcio (fig. 3), essas aegyptiaca também passam a integrar o espólio de contexto funerário e das doações a santuários locais.¹⁶⁴

Fig. 3: Réplicas Gregas de Amuletos Egípcios (KB' Ephorate of Prehistoric and Classical Antiquities, Rhodes):¹⁶⁵



A partir da esquerda: Ptah Pataikos (Kameiros), Isis (Kameiros), Nefertun (lalysos), escaravelho de Psamético I (Kameiros)¹⁶⁶.

Comprova-se com isso que ocorria no Egeu uma integração econômica, religiosa e cultural com o Egito. Nesse contexto, o esforço de artesãos ródios em reproduzirem hieróglifos egípcios indicam um grau de egiptização artística que só encontraria igual nas oficinas de Náucratis, no século seguinte (Kousoulis, Morenz, 2007, p. 190).

AS OFERENDAS DE NEKAU II

A dinastia saíta seguiu impondo-se no cenário internacional com o apoio maciço de forças contratadas no Egeu. Com a queda do império assírio, em 612 a.C., o

¹⁶⁴ Para o caso específico de Rodes, ver: GATES, 1983, pp. 19-22 e pp. 41-43. Para um panorama das aegyptiaca (egípcias ou egiptizantes) ver: WEBB, 1978; SKON-JEDELE, 1994; e HÖLBL, 2000.

¹⁶⁵ © Foto: The Aegyptiaca Project, 2018. Exceção feita para o escaravelho de Psamético I, que está no British Museum (BM 61.11-11.13).

¹⁶⁶ HÖLBL, 2000, pl. V.1.

principal rival às pretensões regionais egípcias passou a ser o reino da Babilônia. Nekau II (610 – 595 a.C.), o segundo governante da dinastia, investiu no controle sobre as rotas do incenso do Mar Vermelho, que tentou contactar ao Mediterrâneo através da construção de um canal (Heródoto, II, 158-159).

Nekau II manteve a política dinástica de expedições militares contínuas contra o Levante com maciço apoio de tropas estrangeiras.¹⁶⁷

As vitórias de Nekau II na Síria, em Cáditis (Gaza) e Magdolos (Migdol), (Jeremias 46: 5), foram celebradas, segundo Heródoto (II, 159), com o envio dos seus trajes e armadura para os milésios, numa dedicação ao templo de Apolo, divindade equivalente a Hórus, o deus tutelar da autoridade faraônica.

Há algo de intrigante no relato de Heródoto acerca dessa oferenda. Primeiramente, o santuário pan-jônico e pan-eólico de Brachidae¹⁶⁸ possuía um apelo estratégico para ações propagandísticas como a de Nekau. Em segundo lugar, Hórus é um deus evocado especificamente quando o faraó triunfa sobre os seus inimigos, ao passo que Apolo, um deus ligado a guerra pelo uso do arco também poderia estar ligada a uma parte substancial do seu exército mercenário.

Por fim, a consagração do equipamento militar de Nekau II reflete uma forma grega de oferenda votiva, uma vez que as oferendas tradicionalmente egípcias consistem de alimentos e concessões de terra. Portanto, Nekau II estava ao mesmo tempo honrando os seus soldados estrangeiros e, deliberadamente, retratando-se como um herói vitorioso para o mundo grego.

Evidências arqueológicas comprovam o relato de Heródoto sobre a política de Nekau II para com os gregos. O faraó doou uma capela para o santuário de Atena lalysa, em Rodes (fig. 4). A deusa é identificada à deusa-guerreira Neith, protetora da XXVI dinastia e soberana de Sais, a capital dinástica.

¹⁶⁷ Um fragmento epigráfico encontrado em Sídon sugere que a influência de Nekau II estendia-se sobre toda a costa fenícia. KUHRT, Amélie. *Ancient Near East*, vol II. London, New York: Routledge, 1997, p. 643.

¹⁶⁸ Segundo o testemunho de Heródoto (VI, 19) o santuário foi completamente destruído pelos persas em 494 a.C.

Fig. 4: Elementos Hieroglíficos da Decoração em Faiança da Capela de Nekau II (dir.), Ialysos (KB´ Ephorate of Prehistoric and Classical Antiquities, Rhodes)¹⁶⁹



Todavia, o que aparenta ser uma relação cordial e desinteressada, na realidade insere-se numa complexa dinâmica política. As doações a santuários helênicos estava, certamente, conectada a políticas de recrutamento, ou estar integrada a interesses comerciais (Kousoulis, Morenz, 2007, p. 188).

Ainda durante o reinado de Nekau II uma importante derrota ocorreu em Carshemish (605 a.C.) frente o exército babilônio. A partir de então encerrou-se o período de hegemonia egípcia na região. Em 601 a.C. o Egito passava à defensiva, ao derrotar uma tentativa de invasão pelo exército babilônio.

Nesse sentido, é interessante comentar um outro tipo de oferenda votiva encontrada em Rodas. No final do século VII a.C. O mercenário Smyrthes ofereceu duas estátuas egípcias ao santuário de Atena em Kameiros (fig. 5)¹⁷⁰. Essa oferenda está desconectada de qualquer política econômica ou de estado. Não há menções sobre recompensas ou faraós, tratando-se de uma iniciativa individual.

¹⁶⁹ ©Foto do autor, dezembro de 2016.

¹⁷⁰ As estátuas, danificadas, possivelmente representavam uma divindade feminina, daí serem oferecidas a Atena. A maior e mais completa está guardada na reserva técnica do museu e não é permitido fotografá-la. A sua inscrição, organizada em três linhas horizontais, informa: “Smyrthes dedicou-me, o filho de Syndros”.

Fig. 5: Dedicção de Smyrthes, filho de Syndros (KB´ Ephorate of Prehistoric and Classical Antiquities, Rhodes)¹⁷¹



Trata-se de mais um caso típico de “objeto falante”, uma vez que se atesta na sua epigrafia: “///ρθεσ με ἀνέθ(εκε)”, traduzindo: “[Smy]rthes dedicou-me”.

Kousoulis e Morenz (2007, p. 188) defendem que a estátua consistiria de um pagamento no mínimo “insólito” para os serviços de um mercenário. O mais plausível é que Smyrthes estivesse a serviço dos inimigos do Egito e que a estátua fosse parte do seu butim.

De fato, os mercenários gregos estiveram a serviço de todos os reinos orientais e em muitas ocasiões enfrentaram-se em campo de batalha. Não se sabe mais sobre Smyrthes, mas os grafites gregos de Abu Simbel identificam ainda dois habitantes de Rhodes a serviço de Psamtek II.¹⁷²

A CAMPANHA NÚBIA DE PSAMTEK II

Os faraós da XXVI dinastia não se limitaram em restabelecer a sua autoridade sobre o Levante. Psamtek II (595 – 589 a.C.), terceiro governante da dinastia, lançou

¹⁷¹ © Foto: “Ancient World Manchester Project” (University of Manchester): <https://ancientworldsmanchester.wordpress.com/tag/rhodes-old-town/>

¹⁷² BERNAND, MASSON, 1957: inscrições 2 (Telephos de lalysos) e 4 (Anaxanor de lalysos; texto em duas linhas inscrito com o recurso de boustrophédon).

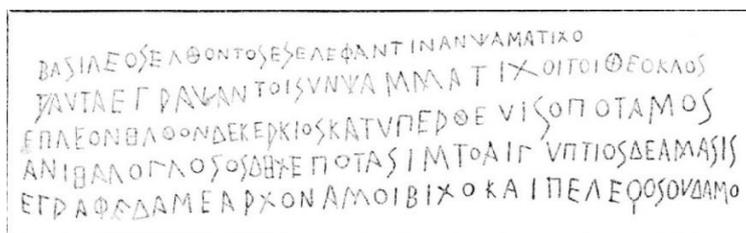
uma campanha militar contra a Núbia entre os anos de 593-589 a.C., a fim de banir os últimos reminiscentes da XXV dinastia do território egípcio e reafirmar a autoridade faraônica sobre a fronteira meridional.

A presença de mercenários jônios e cários no exército de Psamtek II pode ser bem atestada pelos grafites deixados por eles nos dois templos funerários de Ramsés II, em Abu Simbel. Trata-se da maior evidência da presença grega nos exércitos mercenários¹⁷³ destacados por Psamtek II contra a Núbia, em 593 a.C.

Os templos, situados a cerca de 280 km a sul da Primeira Catarata, nas imediações da Segunda Catarata, originalmente demarcavam a fronteira com a Núbia, na XIX dinastia (ca. 1279 – 1213 a.C.). O complexo foi escavado nas encostas rochosas do Nilo e totalmente transferido para uma nova posição, 180 metros acima por ocasião das obras da criação da grande represa de Assuã, pelo governo de Abdel Nasser, no século XX d.C.

As sete inscrições gregas do sítio foram gravadas no dialeto ródio, que recebe influências do dialeto dórico e utiliza-se do alfabeto jônico. Elas encontram-se gravadas na perna esquerda do colosso de Ramsés posicionado imediatamente ao sul da entrada do templo maior. Destaca-se desse grupo um registro particularmente relevante (fig. 6), por complementar a narrativa de Heródoto (II, 161) sobre a campanha de Psamtek II na Núbia:

Fig. 6: Inscrição D9, JG, VIII, (Mason, Bernand, 1957, p. 5):



- (1) βασιλέος ἑλθόντος ἐς Ἐλεφαντίναν Ψαματίχο,
(2) ταῦτα ἔγραψαν τοῖ σὺν Ψαμματίχοι τοῖ Θεοκλόζω

¹⁷³ Para um estudo sobre outros mercenários, ver: Chipre, ver: CASSIMATIS, 1984; mercenários hebreus: KAHN, 2007; Mercenários fenícios: SCHMITZ, 2010.

ISSN 1982-8713

(3) ἔπλεον, ἦλθον δὲ Κέρκιος κατύπερθε, υἷς ὁ ποταμὸς
(4) ἀνίη· ἀλογλῶσος δ' ἦχε Ποτασιμτο, Αἰγυπτίος δὲ Ἄμασις·
(5) ἔγραφε δὲ ἀμὲ Ἄρχον Ἀμοιβίχου καὶ Πέλειος Οὐδάμο.

Tradução: “Quando o rei Psamético (II) veio para Elefantina, aqueles que navegaram com Psamético, filho de Theokles, escreveram isto e eles vieram para Kerkis, até onde o rio permitiu. Potasimto comandava os de fala estrangeira, Amasis os egípcios. Archon, filho de Amoibichos, escreveu-nos junto com Peleqos, filho de Eudamos.”

O texto revela um trierarca grego, Psamético, filho de Theokles, no comando de um destacamento helênico. Possivelmente trata-se de um caso de uma segunda geração grega assentada no Egito pela política de fixação de mercenários da dinastia.

Potasimto, é uma helenização do nome egípcio “Padysematawy”, cuja estátua está conservada no Louvre (E 13109).¹⁷⁴ Amasis possivelmente liderava a expedição com o seu destacamento egípcio, uma vez que o fragmento de sua estátua (Cairo, CG 895)¹⁷⁵ inclui o título *jmj-r3-mnf3t* (chefe das tropas). Peleqos é, possivelmente, a helenização de um nome de origem cária *Plqo*, o que implicaria na presença de cários¹⁷⁶ bilíngues na expedição.¹⁷⁷

A GUERRA CIVIL DE APRIES E AMASIS

Após um breve reinado, Psamtek II foi sucedido pelo filho, Apries I (589 – 570 a.C.), que deu continuidade à política saíta de restauração da influência egípcia junto às antigas possessões coloniais. Apesar dos exércitos babilônios terem expulsado os egípcios do Levante, Apries manteve uma campanha marítima na região. Segundo

¹⁷⁴ YOYOTE, 1953.

¹⁷⁵ LEFEBVRE, 1925.

¹⁷⁶ De fato, há cerca de 150 inscrições em língua cária pelo território egípcio, desde o Delta até Abu Simbel e Buhen. Para uma síntese com a bibliografia de todas as inscrições cárias conhecidas, ver: ADIEGO, 2007; para a epigrafia cária do território egípcio, ver: pp. 30 – 127.

¹⁷⁷ Heródoto (II, 154) informa que os cários viveram na região de Bubástis até serem deslocados para a área de Mênfis por Amasis. Há um debate interessante sobre a aculturação da comunidade cária em Borsippa, que assimilou costumes egípcios e cários. Ver: WAERZEGGERS, 2006.

Heródoto (II, 161) e Diodoro (I, 68, 1), os navios de Apries combateram a armada de Tiro.

Agut-Labordère estima que o elevado percentual de forças estrangeiras presente no exército egípcio pode ter causado uma grave desestabilização social no reino (2013, p. 994). Motins de mercenários tornaram-se uma preocupação constante na administração saíta. Heródoto (II, 30) menciona uma deserção em massa da guarnição egípcia em Elefantina. A inscrição autobiográfica de Nesuhor (Louvre A 90)¹⁷⁸ descreve como o egípcio impediu uma tentativa semelhante instigada por mercenários egeus e asiáticos.

Porém, as tensões internas decorrentes de uma política de privilégios para a fixação dos militares estrangeiros culminariam numa guerra civil que derrubou Apries. Tudo ocorreu como consequência de uma campanha pela anexação das colônias gregas da Líbia, em 588 a.C.

Segundo Heródoto (II, 161), o exército despachado contra Cirene e Barca era composto apenas de tropas egípcias. Com a derrota frente aos gregos da Líbia, esse exército, derrotado, retornou ao Egito e revoltou-se contra Apries, apontando o general Amasis como novo faraó. A chamada “Estela de Elefantina” ou “Estela da Vitória de Amasis”¹⁷⁹ oferece uma versão egípcia para as narrativas de Heródoto (II, 161 – 169) e Diodoro (I, 68, 4) sobre a guerra civil.¹⁸⁰

Após a coroação de Amasis como o novo faraó, as relações com os gregos foram mantidas como prioritárias, embora sofressem algumas transformações estruturais dentro do território egípcio. Nesse período, as *stratopeda* foram esvaziadas e todos os assentamentos habitados por gregos, cários e demais estrangeiros foram transferidos para a área de Mênfis.

¹⁷⁸ SCHÄFER, 1904, pp. 152 – 164, 4 pls.

¹⁷⁹ LABDYNIN, 2006; JANSEN-WINKELN, 2014.

¹⁸⁰ Ainda há muitos momentos obscuros a serem desvendados acerca desse período de guerra civil, inclusive uma invasão babilônia para oferecer apoio a Apries, em 567 a.C., durante a fase final da guerra civil. Ver: MANLEY, 1998, p. 123. Aparentemente o apoio a Apries não se resumia aos mercenários estrangeiros, havendo facções simpáticas ao faraó legítimo na Tebaida. Ver: LEAHY, 1988.

ISSN 1982-8713

A suposta generosidade de Amasis para com os seus aliados gregos culminaria na doação de Naucratis. Trata-se do mais antigo testemunho grego para a existência da cidade. Todavia, Náucratis é referida ainda no reinado de Apries como a base de operações da armada grega que apoiou o faraó contra o usurpador Amasis. Segundo a “Estela de Elefantina/ da Vitória de Amasis” (Colunas 2-3):

(2) ḏd n ḥm=f ḥ“-jb-r’

(3) ḥnt.n=f ‘nw kbnwt mḥtj m ḥꜣw-nbw n(j) rḥ=tw ḏr=sn

Tradução: “(...) [e ele] Disse para a sua majestade: “(Aquele) Apries, ele zarpou (do) Anw (Anw) com trirremes cheias de gregos. Ninguém sabe a sua força (...).”

A identificação entre Anw e Náucratis é possível graças ao “Decreto de Sais”¹⁸¹, datando de 380 a.C., sob o governo do faraó Nectanebo I (XXX dinastia), conhecido como “Estela de Náucratis” (Col. 13):

(...) ḏd jn ḥm=f jm(j) smn.tw nn ḥr ‘ḥw pn rdj.tw m njw.t-
kꜣrt ḥr spt ‘nw

Tradução: “(...) Sua majestade concluiu: ‘Este decreto deve ser gravado na presente estela e erguido em

Náucratis, às margens do Anw (Anw) ”.

Assim, não só o canal do Nilo onde Náucratis foi fundada (Anw) já era habitado por gregos antes da ascensão de Amasis, como a Estela de Elefantina produz a evidência escrita mais antiga para a existência do sítio que será denominado “Náucratis” pelos gregos.

¹⁸¹ VON BONHARD, 2012.

Entretanto, Heródoto (II, 178) descreve a fundação de Náucratis como um presente de Amasis aos helenos. Nessa passagem, Heródoto define Amasis como “φιλέλλην” devido a sua política de alianças e envio de oferendas aos santuários gregos de Cirene, Lindos e, especialmente, Samos (II, 182).

A aliança de Amasis com o tirano Polícrates de Samos está bem documentada por Heródoto, numa relação hospitaleira que ele define, em jônico, como ‘ξεινίη’. Kaplan (2016) observa que o termo tende a ser empregado por Heródoto como um sinônimo para alianças de Estado. De fato, Amasis foi capaz de lançar expedições navais contra o Chipre e de submetê-lo a condição de tributário.

PSAMTEK III: RELAÇÕES GRECO-EGÍPCIAS APÓS A CONQUISTA PERSA

Amasis teve um longo e próspero reinado de 44 anos, sendo sucedido pelo filho Psamtek III em 526 a.C. Durante o reinado do seu pai o império Persa havia surgido como a nova força hegemônica no oriente. Em 547 a.C. Ciro conquistou o reino da Lídia, antigo aliado egípcio. Em 539 a.C. foi a vez da dinastia neo-babilônia cair, conquistada por Cambises.

Cerca de seis meses após a coroação de Psamtek III, o Egito foi invadido pelo exército persa, após derrotar os egípcios em Pelúcio, em 525 a.C. Heródoto menciona brevemente a batalha (III, 10) e afirma que Psamtek III tomou parte da batalha. Heródoto também alega ter visitado o campo de batalha (II, 246-250) e descreve o cativo e execução de Psamtek III por ordem de Cambises, após ter acusado de incitar uma rebelião anti-persa (III, 14-15).

Com o estabelecimento da XXVII dinastia, o Grande Rei persa foi reconhecido como faraó. Apesar de tentativas de “*damnatio memoriae*” produzidas pelos próprios egípcios após a breve restauração de sua independência (XXVIII – XXX dinastias), a dominação persa foi um período de continuação relativa ordem social. Náucratis aparentemente continuou a mediar o comércio entre o Egito e o Mundo Grego.

Os laços comerciais e diplomáticos entre gregos e egípcios ainda eram fortes o suficiente para permitir uma intervenção da Liga de Delos no Delta para o suporte de uma nova malfadada rebelião anti-persa em 460-454 a.C., descrita por Tucídides (I, 104).

As rebeliões egípcias continuaram a eclodir ao longo dos séculos V – IV a.C., lideradas por facções locais de príncipes com pretensões ao trono. Eventualmente, o esforço originou a uma série de pequenas e frágeis dinastias egípcias (XXVIII – XXX dinastias) que, enquanto lidavam com facções rivais na disputa pelo poder, defendiam-se das tentativas de reconquista persa.

Bresciani comenta que poucas nas décadas de reconquista de sua independência, o Egito tornou-se “aliado e ponto de referência de todos os inimigos do Grande Rei (...). O Vale do Nilo conheceu e acolheu toda a espécie de aliados e exilados.” (1994, p. 213). Em 343 a.C. os persas reconquistam o Egito, mas essa segunda ocupação mal completaria uma década. Em 332 a.C. Alexandre conquistava o Egito aos persas, estabelecendo um marco na reformulação completa da natureza das relações greco-egípcias.

BIBLIOGRAFIA

ADIEGO, Ignacio. *The Carian Language*. Leiden: Brill, 2007.

AGUT-LABORDÈRE, Damien. *The Saite period: The emergence of a Mediterranean power*. In: MORENO, Juan Carlos (ed). *Ancient Egyptian Administration*. Leiden: Brill, 2013, pp. 965-1027.

BERNAND, André; MASSON, Olivier. *Les inscriptions d’Abou-Simbel*. REG, Paris, 70, 329-330, janvier-juin, 1957.

BOTTI, Giuseppe; ROMANELLI, Pietro. *Le esculture del Museu Gregoriano Egizio*, 1951, pp. 44-45.

BRESCIANI, Edda. *Una statua della XXVI dinastia com il cosiddetto ‘abito persiano’*. SCO, Pisa, 16, 1967, pp. 273-280.

BRESCIANI, Edda. O Estrangeiro. In: DONADONI, Sergio (ed). O Homem Egípcio. Lisboa: Presença, 1994, pp. 189 – 214.

CASSIMATIS, Hélène. Des Chypriotes chez les pharaons. Les Cahiers du Centre d'Études Chypriotes Lyon, 1, 1984, pp 31 – 38.

DE MEULENAERE, Herman. La statue du général Djed-ptah-iouf-ankh, Caire JE 36949 [avec 4 planches]. BIFAO, Le Caire, 63, 1965, pp. 19 -32.

EDEL, Elmar. Die Orstnamenlisten aus dem Totentempel Amenophis III. Bonner Biblische Beiträge, Bonn, 25, 1966.

FAURE, Paul. Toponymes créto-mycéniens dans une liste d'Aménophis III. Kadmos, Berlin, 7, band II, 138, 1968.

GATES, Charles. From Cremation to Inhumation: Burial Practices at Ialysos and Kameiros during the Mid-Archaic Period, ca. 625-525 B.C., Occasional Paper 11, Los Angeles: University of California, 1983.

HÄGG, Robin (ed). The Greek Renaissance of the eighth century B.C.: tradition and innovation: proceedings of the second international symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June, 1981.

HÖLBL, Günther. 'Aegyptiaca im östlichen Mittelmeerraum', in: GÖRG, Manfred, HÖLBL, Günther (eds.), Ägypten und der östliche Mittelmeerraum, ÄAT, Wiesbaden, 44, 2000, pp. 119-162.

HOPE-SIMPSON, Robert, LAZENBY, John. Notes from the Dodecanese III. In: Annual of the British School at Athens, Athens, 68, 1973, pp. 127 –179.

JACOBSON, Inga. Aegyptiaca from Late Bronze Cyprus. Studies in Mediterranean Archaeology, Goterborg, 112, 1994.

JANSEN-WINKELN, Karl. Die Siegstelle des Amasis. ZÄS, Leipzig, 141/2, 2014, pp. 132 – 153.

KAHN, Dan'el. Judaeen Auxiliaries in Egypt's War against Kush. JAOS, Ann Arbor (MI), 127/4, 2007, pp. 507 – 516.

KAPLAN, Phillip. The Ring of Polycrates: friendship and alliance in the east Mediterranean. Journal of Ancient History, Newark, vol 4, n. 2. 2016, pp. 132 – 157.

ISSN 1982-8713

KEESLING, Catherine. *The Votive Statues of the Athenian Acropolis*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KEMP, Barry; MERRILLEES, Robert. *Minoan Pottery in Second Millennium Egypt*. Mainz: Philipp von Zabern, 1980, pp. 226– 245.

KITCHEN, Kenneth. *Theban Topographical Lists, Old and New*. *Orientalia*, Roma, 34, 1965.

KITCHEN, Kenneth. *The Third Intermediate Period in Egypt, 1100-650 B.C.* Liverpool, Aris & Phillips 1996.

KNAPP, Arthur. *Thalassocracies in Bronze Age eastern Mediterranean trade: making and breaking a myth*. *World Archaeology*, London, 24, 3, 1993, pp. 336–337.

KOUSOULIS, Panagiotis; MORENZ, Ludwig. *Ecumene and Economy in the Horizon of Religion: Egyptian donations to Rhodian sanctuaries*. In: FITZENREITER, Martin (ed). *Das Heilige und die Ware: Zum Spannungsfeld von Religion und Ökonomie*. IBAES VII, London: Golden House, 2007, pp. 179 – 192.

KOUSOULIS, Panagiotis. *Rhodes before the Saite Kings: Egyptian Relations with Rhodes and the Dodecanese during the Ramesside Period*. In: COLIER, Mark; SNAPE, Steven (eds). *Ramesside Studies in Honour of K. A. Kitchen*. Bolton: Rutherford Press, 2011, pp. 283 – 292.

KUHRT, Amélie. *Ancient Near East*, vol II. London, New York: Routledge, 1997.

LABDYNIN, Ivan. *The Elephantine Stele of Amasis: Some Problems and Prospects of Study*. *Göttinger Miszellen*, Göttingen, 211, 2006, pp. 31-56.

LEAHY, Anthony. *The Earliest dated Monuments of Amasis and the end of the Reign of Apries*. *JEA*, London, 74, 1988, pp. 183 – 199.

LECLÈRE, François; SPENCER, Jeffrey. *Tell Dafana Reconsidered: The Archaeology of an Egyptian Frontier Town*. *British Museum Research Publications*, London, 199, 2014.

LEFEBVRE, Gustave. *Potasimto*. *BSAA*, Alexandria, 21/6, 1925, pp. 55-56.

LIPINSKI, Edward. *Itineraria Phoenicia*. *OLA*, Leuven, 127, 2004.

LLOYD, Allan. *The Inscription of Udjhorresnet: a collaborator's testament*. In: *JEA*, London, 68, 1982, pp. 166 – 190.

ISSN 1982-8713

LLOYD, Alan. The Late Period. In: SHAW, Ian. *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2001, pp. 364 – 387.

LUCKENBILL, Daniel. *Ancient Records of Assyria and Babylonia*, vol. II: Historical accounts of Assyria. Chicago: University of Chicago Press, 1927, pp. 297 – 298.

MACDONALD, Colin. *Problems of the Twelfth Century BC in the Dodecanese*. BSA, Athens, 81, 1986, pp. 125 - 151.

MANLEY, Bill. *Atlas Historique de l'Égypte Ancienne*. Paris: Autrement, 1998.

MASSON, Olivier; YOYOTTE, Jean. Une Inscription ionienne mentionnant Psammétique Ier. *Epigraphica Anatolica*, Bonn, 11, 1988, pp. 171 – 180.

MUMFORD, Gregory. 'Mediterranean Area', in: REDFORD, Donald (ed). *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol 2. Oxford: Oxford University Press, 2002, pp. 335 – 343.

PANAGIOTOPOULOS, Diamantis. Keftiu in Context: Theban Tomb paintings as a Historical source. *Oxford Journal of Archaeology*, Oxford, 20, 2001, pp. 263 – 283.

PENDLEBURY, John. *Aegyptiaca. A Catalogue of Egyptian Objects in the Aegean Area*. Cambridge: Cambridge University Press, 1930.

PETRIE, William. *Tanis (Band 2): Part II / Nebesheh (Am) and Defenneh (Tahpanhes): 1886*. London: The Egypt Exploration Found, 1888.

REHAK, Paul. Aegean natives in the Theban tomb paintings: the Keftiu revised. In: CLINE, Eric; HARRIS-CLINE, Diane (eds). *Aegaeum*, Liège, 8, 1998, pp. 39–51.

PINCH BROCK, Lyla. Art, industry and the Aegeans in the tomb of Amenmose. *Ägypten und Levante*, Wien, 10, 2000, pp. 129–137.

SAHIN, Mustafa. Zwei Inschriften aus dem südlichen Kleinasien. *Epigraphica Anatolica*, Bonn, 10, 1987, pp. 1-2.

SCHÄFER, Heinrich. Die Auswanderung der Krieger unter Psammetich I und der Söldneraufstand in Elephantine unter Apries. *Klio*, Mannheim, IV, 1904, pp. 152 – 164.

SCHMITZ, Philip. The Phoenician Contingent in the Campaign of Psametichus II against Kush. *JEGH*, Swansea, 3/2, 2010, pp. 321 -337.

ISSN 1982-8713

SKON-JEDELE, Nancy. "Aigyptiaka": A catalogue of Egyptian and Egyptianizing objects excavated from Greek archaeological sites, ca. 1100-525 B.C., with historical commentary. PhD. Dissertation in Ancient History. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1994.

SNAPE, Steven. Zawiyet Umm el-Rakham and Egyptian foreign trade in the 13th century BC'. In: STAMPOLIDIS, Nikolaos Stampolidis; KARAGEORGHIS, Vassos (eds). PLOÉS... Sea Routes... Interconnections in the Mediterranean 16th–6th c. BC. Proceedings of the International Symposium held at Rethymnon, Crete, September 29th–October 2nd, 2002 (Athens, 2003), pp. 63–70.

SPALINGER, Anthony. Esarhaddon and Egypt. In: Analysis of the First Invasion of Egypt. Orientalia, Roma, 43, 1974, pp. 295 – 326.

VERCOUTTER, Jean. L'Égypte et le monde égéen préhellénique. Le Caire: IFAO, 1956.

VITTMANN, Günter. Ägypten und Fremdem im ersten vorchristlichen Jahrtausend. Mainz: Philipp von Zabern, 2003, pp. 48- 83.

VON BONHARD, Anne-Sophie. The Decree of Sais. Oxford: OCMA, 2012.

WACHSMANN, Shelley. Aegeans in the Theban Tombs. OLA, Leuven, 20, 1987.

WAERZEGGERS, Caroline. The Carians of Borsippa. IRAQ, London, 68, 2006, pp. 1-22.

WEBB, Virginia. Archaic Greek Faience. Miniature Scent Bottles and Related Objects from East Greece, 650-500 B.C. Warminster: Aris & Phillips, 1978.

WOODHEAD, Arthur. The Study of Greek Inscriptions. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

YOO, Justin. From Men in Bronze to Pedon: foreign soldiers and their leaders in Egypt during the Saite Period (664 – 525 a.C.), PhD Thesis in Classics/ Ancient History: Kings College, 2019 (no prelo).

YOYOTE, Jean. Potasimtos de Pharbaitos et le titre de 'Grand Combattant-maître du triomphe'. CdE, Bruxelles, 28, 1953, pp. 101 – 108.

INTERNET

“Ancient World Manchester Project” (University of Manchester) – visitado em 2 de julho de 2019. <https://ancientworldsmanchester.wordpress.com/tag/rhodes-old-town/>

JOHNSTON, Alan. The life and death of Greek local scripts; not so long durée ? In: *Varia*. Mélanges de l’École française de Rome – Antiquité [En ligne] 2012, 124-2 – visitado em 4 de julho de 2019. <https://journals.openedition.org/mefra/735>

SCHULTZ, Regine, Block Statue. UCLA, Los Angeles, Encyclopedia of Egyptology 2011-09-20 – visitado em 2 de julho de 2019. <https://escholarship.org/uc/item/3f23c0q9>